

A FACE Negra do Amor. Direção de Tatiana Tibúrcio. Rio de Janeiro, 2018. (24 min.).

A FACE NEGRA DO AMOR E A NEUROSE CULTURAL BRASILEIRA

Lucas Aredes Alves¹

A Face Negra do Amor é um curta brasileiro de 2018 idealizado por Tatiana Tibúrcio. Reúne artistas em maioria negras/os e apresenta, de forma espinhosa e pujante, algumas experiências cotidianas de mulheres negras no campo da afetividade.

Conforme explicitado na descrição do VideoCamp (2020, *on-line*),

o roteiro e direção de Tatiana Tibúrcio, discute o amor a partir das perspectivas, anseios, carências, sonhos, fracassos e desejos da mulher negra. Com a participação de Cida Moreno, Erika Januza, Flavia Souza e Tatiana Tibúrcio no elenco, o curta tem como pano de fundo a questão racial.

Tatiana Tibúrcio da Silva, mulher negra brasileira, nasceu no bairro do Flamengo, Rio de Janeiro/RJ. Em uma entrevista concedida ao Museu da Pessoa (2012), conta que “é filha de empregada doméstica e morou com avós até os sete anos em Casimiro de Abreu”. Relata que “mudou-se para Niterói e depois Teresópolis, com a mãe e o padrasto, onde estudou num colégio de freiras, num conservatório e estudou teatro”. Desde então, “começou a trabalhar em várias companhias de teatro e criou um projeto artístico para autores e atores negros”.²

O trabalho cultural supracitado traz à tona questões diversas, convidando-nos a refletir acerca dos estereótipos socialmente construídos e impostos às pessoas negras, especialmente às mulheres negras, sendo estes reflexos de uma sociedade historicamente marcada pelas determinações do racismo, da cultura sexista e da lógica mercadológica que, dialeticamente, atravessam as relações sociais.

¹ Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

² Mais elementos em relação à artista podem ser conferidos no relato, que se encontra disponível na memória do museu. Ver link nas referências.

A escolha por discutir essa temática e elencar tais dilemas vai ao encontro de pautar a mulher negra como questão central, considerando este um tema de grande pertinência e que em muitos âmbitos da universidade não tem reconhecimento. Nesse sentido, a finalidade aqui é dar notoriedade a importantes trabalhos realizados, sobretudo, por mulheres intelectuais negras.

Buscarei articular os atributos de uma análise-reflexiva junto aos olhares e às linguagens a partir da obra cinematográfica mencionada. Para a fundamentação teórica, irei debruçar no que Lélia González (1984) apresenta como neurose cultural brasileira, trazendo, ainda, as contribuições teóricas de bell hooks (2019) sobre imagem e representação e de Silvio Almeida (2018) sobre racismo estrutural.

O curta, que tem duração de 24 minutos, retrata a história de mulheres negras lidando com as faces do amor de distintas formas, em uma sociedade em que a humanidade e afeto são negados às pessoas negras, sobretudo às mulheres.

Ao longo das cenas, deparamos com profundas questões. Destacando algumas entre elas, eis o preterimento e a sexualização das mulheres negras; a negação e o não pertencimento da identidade; o branqueamento; o lugar construído no imaginário social da mulher preta em nome da servidão, e outras que nos levam a pensar no que Lélia González aponta como “violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra” (GONZÁLEZ, 1984, p. 228).

Esta autora, importante nome para o pensamento social brasileiro, diz que o racismo se constitui como a “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (GONZÁLEZ, 1984, p. 244). Ao longo do seu ensaio, ela nos possibilita refletir sobre muitas situações que se apresentam na realidade/na vida de mulheres negras, assim como no curta referenciado.

O sexismo e a ideologia do branqueamento são narrativas que servem à manutenção do capitalismo e que se manifestam enquanto *modus operandi* de dominação e opressão de negras e negros, segundo González (1984).

Em síntese, com alusão ao que a referida autora apresenta, pode-se conceber que o racismo e o sexismo estão na base social desde o escravismo. O fim da escravidão colonial não permitiu que estes simplesmente desaparecessem da sociedade, ao contrário, colaborou para que se constituíssem parte do seu desenvolvimento. Assim sendo, o estudo de González (1984) problematiza as dimensões do racismo e do sexismo contra mulheres negras e “não brancas”,

apontando ser necessária a racialização da discussão sobre classe e gênero, uma entre tantas questões apresentadas ao longo das suas análises.

Ademais, o advogado e filósofo brasileiro Silvio Almeida discorre a respeito da questão étnico-racial e do *racismo estrutural* na sua obra “O que é Racismo Estrutural?” para pensar a conformação da sociedade contemporânea. Ele aponta que “o racismo é decorrência da própria estrutura social” (ALMEIDA, 2018, p. 28), sendo, portanto, parte de determinações históricas, econômicas, políticas e culturais.

O roteiro sistêmico que figura as vidas negras sempre as distancia de experimentações do amor. Desse modo, as variadas violências simbólicas que lhes são recorrentes atravessam diversos campos da vida social e cotidiana. Possuem ligação com a imagem, autoimagem e representação (fortemente destrutivas), com a divisão racial e sexual do trabalho, além de muitos aspectos. Todavia, pessoas negras são sujeitos históricos também constituídos de afetividade e (auto) cuidado.

São muitos os desafios colocados quando buscamos (re)construir as formas negras de (auto) amor em uma sociedade estruturalmente racista, a qual impõe condições objetivas que, por vezes, destrói a subjetividade de negras e negros. Entretanto, a história e memória do povo negro são também repletas de idealizações, de buscas afetivas e de referências ancestrais que extrapolam o imaginário social. O quilombo, por exemplo, diz tanto sobre organização e rebelião quanto de perspectivas societárias e de relações sociais.

Amar a negritude é prática antirracista cotidiana e necessária que não só contra-ataca a supremacia branca, mas que também se lança como forma de resistência política e de transformação da realidade. Brilhantemente, bell hooks faz este destaque no primeiro capítulo de “Olhares negros: raça e representação” (HOOKS, 2019).

O buraco é profundo e seus precipícios são capazes de arrancar lágrimas. Conceição Evaristo nos provoca ao dizer que, “na hora da estrela, Clarice nem sabe que uma mulher cata letras e escreve: ‘de dia tenho sono e de noite poesia’ (EVARISTO, 2017, p. 98-99)”.

Para transformar a realidade e construir novas possibilidades de mundo para além do capital, isto é, para além da branquitude, também é preciso deslocar a população negra das mais desumanas posições sociais, a juventude negra do centro da violência e do extermínio, as mulheres negras da incalculável conta do feminicídio e de outras perversas violências, que

enaltecem e elevam a concepção negativa de negritude, tal e qual foi construída por mãos brancas.

Também é necessário que sejam destruídas as representações racistas presentes na estrutura e no imaginário social, as quais, junto às bases materiais da sociabilidade capitalista, determinam lugares e não lugares para as pessoas negras.

Afinal, Lélia Gonzalez, bell hooks e Conceição Evaristo, já citadas, mas também Angela Davis, Audre Lorde e muitas outras escritoras, nos distintos espaços da produção de saberes, trazem isso em seus escritos, cujas palavras refletem gritos coletivos contra toda desumanização imposta às vidas negras.

A ótica das mulheres negras em *A Face Negra do Amor* é crucial para que possamos refletir sobre a complexa extensão das relações étnico-raciais e afetivas e o que isso tem a ver com os abismos sociais oriundos do racismo estrutural e dos padrões brancos-burgueses. O que resta para a mulher negra amar? Quem ama sua pele?

É crucial que a não possibilidade de amor e autoamor para negras e negros seja enfrentada numa dimensão coletiva para a construção de novos olhares e para pensar alternativas de sociabilidade além do que a realidade nos apresenta, onde a divisão racial do espaço não resulte na exclusão racial de afeto.

Olhar com profundidade para essas questões é dever histórico de quem luta pela emancipação, porque a descolonização tem de ser seu braço esquerdo. Auto-ódio e branqueamento de determinados povos e grupos sociais e étnico-raciais são frutos da ideologia dominante, branca e burguesa, bem como os movimentos eugênicos.

Pensar as determinações e as imposições sociais que condicionam e constroem a vida afetiva e as subjetividades de mulheres negras é tarefa histórica e pode nos levar a dimensões subversivas. Tibúrcio nos permite, por meio da sua estética imensamente audaz e poética, acessar o sensível e refletir sobre múltiplas questões.

Essas histórias não são totalmente minhas,

*mas quase que me pertencem,
na medida em que, às vezes,
se (con-)fundem com as minhas.*

Invento?

Sim, invento, sem pudor.

(Conceição Evaristo, 2014)

REFERÊNCIAS

A FACE negra do amor. **VideoCamp**, 2020. Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/campaigns/396>. Acesso em: 01 de dez. 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: Revista Ciências Sociais Hoje, 1984, p. 223-244.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MUSEU DA PESSOA. **O tempo é o senhor das histórias** - História de Tatiana Tibúrcio da Silva. 1 out. 2012. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/o-tempo-e-o-senhor-das-historias-47543>. Acesso em: 01 nov. 2021.